

“You must translate: ‘tis fit we understand them”

O perfil coesivo de versões portuguesas de um famoso solilóquio hamletiano

1. Introdução

Entendemos que o ensino da tradução literária beneficia da importação de informações produzidas por estudos teóricos e descritivos de tradução, pois quer o conhecimento de universais tradutórios já estudados quer a identificação de normas tradutórias podem enquadrar o trabalho de formação de competências de transferência, tornando cada vez mais consciente não só a identificação de problemas mas também o processo de eleição de estratégias e de tomada de decisões tradutórias. Portanto, o trabalho com estudos descritivos e teóricos permite fornecer aos alunos uma base de conhecimentos que desajavelmente poderá aproximar mais rapidamente a sua prática, como tradutores com formação explícita em tradução, daquela que alguns anos de experiência proporcionam.

Porém, nem sempre se encontram disponíveis dados que permitam identificar regularidades tradutórias susceptíveis de constituir um pano de fundo relativamente ao qual cada tradutor pode posicionar-se

em termos das estratégias tradutórias a adoptar numa tarefa específica. O ensino da Análise Textual aplicada à tradução e, em particular, o trabalho de recriação do perfil coesivo que a tradução implica deparam-se também com este tipo de dificuldade. Porém, no tocante à coesão textual há algumas propostas que temos vantagem em recuperar, ainda que apontem para regularidades nem sempre coincidentes.

2. Motivação teórica e empírica: Gideon Toury vs. Shoshana Blum-Kulka

Relativamente ao perfil coesivo de um texto traduzido, a bibliografia consultada aponta para duas direcções distintas: Gideon Toury refere que o processo de transferência inerente à tradução interlinguística envolve uma quebra e reformulação de elos coesivos encontrados no texto de partida (TP), sugerindo assim que a tradução envolve normalmente uma diminuição do grau de coesão. Shoshana Blum-Kulka sugere, por outro lado, que o perfil coesivo de um texto de partida é também afectado pelo processo tradutório, na medida em que o texto traduzido tende a ser mais explícito, em consequência de uma alteração qualitativa e quantitativa dos elos coesivos que o TP apresenta.

O presente estudo sobre a tradução de elos coesivos encontra, portanto, uma parte da sua motivação em duas propostas divergentes. A primeira delas é expressa na obra *Descriptive Translation Studies and Beyond*, onde surge a propósito do que Gideon Toury apelida de lei de padronização crescente. Toury (1995: 265) apresenta como objectivo dos Estudos de Tradução como disciplina (ET) a formulação de leis tradutórias, resultantes da sistematização de informações sobre regularidades identificadas por um número crescente de estudos descritivo-explicativos da tradução como produto, processo e função. Toury define estas leis como “theoretical formulations purporting to state the relations between all variables which have been found relevant to a particular domain” (Toury 1995: 259). A título ilustrativo, apresenta a lei da interferência (Toury 1995: 267) e a lei da padronização crescente, que propõe com a seguinte formulação: “In translation, source-text

1 Trata-se de adoptar uma designação que explicita um dos pressupostos avançados por Even-Zohar cujas propostas enquadram o trabalho desenvolvido por Gideon Toury: "While the endeavor of formulating adequate laws emerged almost from the very beginning of its [Dynamic Functionalism, Polysystem Theory] activity, it was apparent that the nature of these 'laws' is quite problematic, and that they cannot be taken as eternal truths (as is often the case in literary criticism), but rather as temporary hypotheses, to be discarded or modified whenever it becomes necessary to do so" (1990: 4).

2 Nas palavras de Gideon Toury: "A repertoire amounts to the range of choices which makes cultural functions realizable through real products and practices (...). Any sign, irrespective of rank and scope, which forms part of such an institutionalized repertoire would be defined as a repertoire. / When a repertoire is retrieved from the repertoire it is part of and is put to actual use (i.e., inserted in a particular text, in the most general sense of the word), it enters into a unique network of internal relations, peculiar to that act/text. These relations lend the retrieved item ad hoc textual functions, by virtue of which it is rendered a texteme" (Toury 1995: 268).

textemes tend to be converted into target-language (or target-culture) repertoires" (Toury 1995: 268). Apesar de algumas referências esparsas ao carácter provisório e incipiente destas leis, só em trabalhos posteriores é que o autor tem vindo a alterar o estatuto ontológico destas formulações, demonstrando uma preferência pela designação expressa de hipóteses ou de leis hipotéticas (comunicação pessoal, 1999).¹

Esta lei hipotética de padronização crescente é, então, definida como uma tendência para que as traduções se aproximem do repertório da língua e cultura de chegada, exibindo escolhas e estruturas mais frequentes, sendo menos ambíguas e mais simples do que o TP. Na sua formulação mais lata: os textemes de um texto de partida tendem a ser convertidos em repertoires da língua ou cultura de chegada. Por outras palavras, um signo que pela sua inclusão num texto assume funções específicas e uma significação acrescida, decorrentes da rede de relações textuais em que se insere (um textema), tende a ser traduzido por um dos signos pertencentes ao repertório institucionalizado da cultura ou língua de chegada (um repertoire).² As relações textuais são perdidas em favor de relações convencionais na Cultura de Chegada (CC), ou, nas palavras de Gideon Toury: "In translation, textual relations obtaining in the original are often modified, sometimes to the point of being totally ignored, in favour of [more] habitual options offered by the target repertoire" (Toury 1995: 268).

É ainda a propósito da lei de padronização crescente que Gideon Toury sublinha o facto de o processo tradutório resultar numa diminuição do grau de coesão, acrescentando uma informação relevante: esta diminuição decorre do tipo de unidade tradutória considerada – "[I]n real-life situations, decisions tend to be made on a level which is lower than that of (the network of relationships which constitutes) the text" (Toury 1995: 270).

Para além disso, na sequência de um outro estudo de caso de 27 traduções de inglês para hebraico, produzidas por alunos universitários de inglês, falantes de hebraico como língua materna, Toury (1986) sugere ainda que o tipo de unidade tradutória seleccionada preferencialmente pelos tradutores é correlato quer da sua experiên-

cia profissional quer da sua formação explícita. Resulta deste estudo, por um lado, que tradutores sem formação explícita ou com menos experiência tendem a traduzir, trabalhando com unidades tradutórias menores (como a palavra ou mesmo o morfema); por outro lado, tradutores mais experientes ou com formação explícita em tradução tendem a traduzir, considerando unidades tradutórias mais vastas como sintagmas, orações ou mesmo frases, tendo também sempre presente a necessidade de identificar e transferir relações que são textuais (Malmkjaer 1998: 286). No nosso entender, esta é uma questão não só importante em termos descritivos mas também relevante para a didáctica da tradução.

Pelo contrário, em resultado de um estudo de traduções bidireccionais inglês-francês que descreve no artigo "Shifts of cohesion and coherence in translation" (1986), Shoshana Blum-Kulka sugere um universal tradutório de explicitação, pois no tocante à coesão textual sugere que a tradução pode gerar um grau mais elevado de coesão. Como afirma: "The process of interpretation performed by the translator on the source text might lead to a TL text that is more redundant than the SL text. This redundancy can be expressed by a rise in the level of cohesive explicitness in the TL text" (Blum-Kulka 1986: 300).

É deste estudo que resulta a primeira identificação do universal hipotético de explicitação, de acordo com o qual o processo tradutório tende a gerar um texto mais explícito, também em consequência da inserção de palavras adicionais.³ A este propósito convém referir que o conceito de universal tradutório envolve um grau de considerável abstracção descritiva e que se define como um conjunto de traços linguístico-textuais que surgem preferencial ou exclusivamente em texto traduzido, independentemente do par de línguas envolvido, da direcção da tradução ou do tipo de texto.

Sara Laviosa-Braithwaite, num artigo que dedica ao conceito de universal tradutório, refere vários estudos que apontam na mesma direcção das propostas de Blum-Kulka (Laviosa-Braithwaite 1998). Ria Vanderauwera (1985), em *Dutch Novels Translated into English*, identifica também a adição de conjunções, de explicações, a repetição

3 Trabalhos posteriores sobre "interlanguage" de alunos de inglês levam-na a alargar a formulação da hipótese da explicitação, de acordo com a qual o aumento do grau de explicitação verificado nos textos traduzidos e em textos escritos por alunos de uma segunda língua pode constituir uma estratégia universal inerente a qualquer processo de mediação linguística (Laviosa-Braithwaite 1998: 289).

de elementos patentes no co-texto, a explicação de elementos vagos ou imprecisos, a criação de descrições mais específicas, e a substituição de pronomes, usados como formas de referência, por formas precisas de identificação. Miriam Shlesinger (1989, 1995) refere também que em interpretação é prática frequente que os casos de substituição ou elipse sejam objecto de desvios, uma vez que o intérprete tende a preferir a repetição ou o uso de um sinónimo, verificando-se uma tendência para tornar mais explícitas as formas implícitas. Todos estes procedimentos se enquadram numa tendência para tornar o texto de chegada mais explícito, mediante uma alteração qualitativa e quantitativa de elos coesivos.

3. Objectivos do presente estudo

Partindo das propostas de Gideon Toury (1995) e Blum-Kulka (1986), em Estudos de Tradução, e das propostas de análise da coesão textual de Halliday e Hasan (1976), Beaugrande e Dressler (1981) e Michael Hoey (1991), em Linguística de Texto, pretendemos no presente trabalho:

- (1) examinar o perfil coesivo de um excerto do solilóquio hamletiano “To be or not to be”;
- (2) analisar comparativamente a sua recriação num conjunto de textos de chegada publicados em Portugal;
- (3) verificar potenciais desvios qualitativos e quantitativos, em termos do recurso a processos geradores de coesão textual;
- (4) concluir se o grau de coesão aumenta ou diminui nos textos traduzidos.

Seria também interessante averiguar a eventual existência de correlações verificáveis entre regularidades de procedimentos tradutórios de laços coesivos e factores contextuais. Contudo, para esse fim havia que coligir um *corpus* diverso, integrando também, por exemplo, traduções efectuadas por alunos, uma iniciativa que o escopo do presente estudo não contempla.

Deste modo, esperamos poder contribuir para o conhecimento e formulação deste que é um dos universais tradutórios já descritos: o universal de explicitação, bem como acompanhar de perto a forma como este solilóquio shakespeariano terá sido oferecido aos leitores portugueses; contribuir para o conhecimento da tradução para português com dados de um estudo de caso; e assim identificar comportamentos tradutórios recuperáveis para o ensino de Análise Textual em Tradução.

4. Análise qualitativa

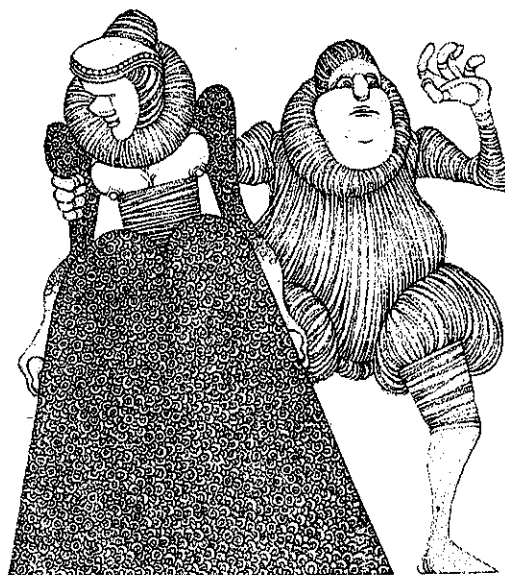
Circunscrevemos o nosso objecto de análise às primeiras quatro frases, que correspondem também aos primeiros nove versos do famoso solilóquio hamletiano:

(1)

*To be, or not to be, that is the question:
Whether 'tis nobler in the mind to suffer
The slings and arrows of an outrageous fortune,
Or to take arms against a sea of troubles
And by opposing end them. To die – to sleep,
No more: and by a sleep to say we end
The heart-ache and the thousand natural shocks
That flesh is heir to; 'tis a consummation
Devoutly to be wish'd. To die, to sleep;*
(Hamlet, III.1.56-64)

A pesquisa bibliográfica permitiu identificar onze versões portuguesas textualmente distintas deste solilóquio, publicadas em volume (*vide* Referências bibliográficas). Para fins da presente análise, elas surgem numeradas sequencialmente, sendo referidas pelo número e/ou data de publicação.

Passando à consideração do perfil textual destas onze versões, Blum-Kulka defende que o TC tende a ser mais explícito, também



Texto	Data de Publicação	Número de Palavras
TP		77
TC 10	1987	39
TC 5	1913	53
TC 6	1963	64
TC 1	1877	68
TC 9	1982	68
TC 7	1972	69
TC 11	2001	69
TC 2	1879	71
TC 3	1887	74
TC 8	1976	74
TC 4	1911	79

Figura 1: Contagem de palavras nos onze TC

- 4 Michael Hoey distingue cadeias de identidade, geradas por elos coesivos que mantêm o mesmo referente, e cadeias de similitude, que correspondem a sequências de elos coesivos integrando elementos que não são co-referenciais (cf. 1991: 15).

pelo procedimento de expansão textual, i.e. pela adição de palavras. Julgamos, contudo, que no caso vertente uma análise comparativa do número de palavras patente no TP e nos sucessivos TC é inviabilizada pelas diferenças tipológicas das línguas em questão. Porém, uma análise comparativa do número de palavras que cada TC apresenta para os nove versos em análise pode, numa primeira aproximação, desenhar uma expectativa relativamente ao grau de explicitação que cada texto potencialmente apresentará.

Assim, temos na tabela da Figura 1, os textos de chegada (TC) organizados sequencialmente em termos do número de palavras que apresentam.

De acordo com este teste aproximativo, destacam-se como textos potencialmente menos explícitos os TC 10, 5, 6 (com 39, 53 e 64 palavras, respectivamente). Convém referir que os TC 10 e 5 omitem várias orações, daí o número inferior de palavras. Como versões potencialmente mais explícitas apresentam-se os TC 3, 8 e 4 (com 74, 74 e 79 palavras, respectivamente). Só o TC 4 aumenta o número de palavras do TP.

4.1. O perfil coesivo do TP

Optámos por seleccionar somente alguns aspectos linguístico-textuais para esta análise comparativa, e fizemo-lo considerando conjuntamente o perfil coesivo destes primeiros nove versos, bem como os aspectos que a bibliografia destaca como procedimentos que resultam num carácter mais explícito do TC.

Consideramos que os aspectos mais salientes desta sequência são, em primeiro lugar, a ausência de sujeito explícito em orações infinitivas e participiais, o que gera uma indefinição considerável, sobretudo, quando se espera uma cadeia coesiva de identidade.⁴ Quem é o sujeito destes verbos sucessivos? É agente ou é paciente, em termos semânticos? Em segundo lugar, destacam-se também as cadeias de similitude geradas quer pela repetição de conjunções quer pela recorrência lexical (repetição de um mesmo item) ou pela paráfrase

(recorrência de conteúdo com alteração da expressão), sendo estes processos normalmente geradores de estabilidade comunicativa (Beaugrande e Dressler 1981: 58).

Considerando somente o primeiro verso: "To be, or not to be, that is the question", a título de exemplo, reparamos que são inúmeras as questões deixadas em aberto. O perfil coesivo deste pequeno excerto é marcado pela indefinição. Temos no início duas orações infinitivas, não finitas, que, por elipse do sujeito, não têm sujeito explícito. Este é normalmente recuperado recorrendo ao co-texto precedente, sendo normalmente o mesmo da oração independente imediatamente precedente. Porém, neste caso, não só não temos sujeito explícito como, sendo esta a frase inicial do solilóquio, não temos como recorrer ao contexto precedente para o recuperar, o que gera a expectativa de que a interpretação dependerá das frases seguintes. O olhar do leitor oscila entre o co-texto anterior e o co-texto seguinte, recua para a frase anterior e avança para a frase seguinte, hesita entre alternativas, entre uma resolução retrospectiva ou prospectiva deste elo coesivo gerado pela elipse, fica-se pela incerteza, também ela sugerida pela conjunção *or*. Verifica-se, também, uma elipse dos constituintes sintácticos que se seguem ao predicado. Como nada se segue ao predicado, é nele que as atenções se concentram. Porém, este predicado, pelo facto de pertencer a uma oração não-finita, também não codifica informações como: (1) Tempo: presente, passado ou futuro; (2) Aspecto: a acção expressa pelo verbo é pontual ou contínua, apresentada no seu início ou no seu fim?; (3) Pessoa: o sujeito não é expresso mas podia estar codificado na forma verbal; mas o infinito não marca pessoa, assim como também não marca número.

Perante a indefinição decorrente da estrutura sintáctica, atentemos na selecção lexical, e portanto no verbo *be*, em termos também das informações que nos poderá fornecer sobre o sujeito. Para começar, este pode ser um verbo principal ou auxiliar, ter um conteúdo semântico pleno como verbo lexical ou ter uma função eminentemente gramatical. Como verbo principal, o OED lista pelo menos seis significados distintos.⁵ Na ausência de outros elementos frásicos, i.e., de um

5 Os significados referidos são: existir, viver; ocorrer ou acontecer; Seguido de advérbios ou sintagmas preposicionais pode significar: estar, ocupar-se de, ser de opinião; Seguido de infinitivo: ir, vir, dirigir-se a (exprimindo propósito); Permanecer, continuar a...; No caso de... verificando-se que; Que seja (praga ou desejo, em exclamativas).

6 Nesse caso, significará: ter o estado ou a qualidade expresso pelo complemento; ou coincidir com, ser idêntico a, ou ainda significar, custar.

contexto capaz de diminuir ou eliminar esta ambiguidade, renova-se a hesitação. Como verbo principal, *be* pode ser ainda intensivo, copulativo, limitando-se a assinalar a co-referencialidade do sujeito e do complemento que associa (e que, neste caso, não estão presentes).⁶ Na ausência de outros elementos sintácticos, apresenta-se, portanto, como um espaço vazio de significado, pela multiplicidade de significados potenciais que oferece.

Podendo também funcionar como verbo auxiliar, o verbo *be* abre-se ainda mais como espaço de indefinição não só devido à ausência do esperado verbo principal mas também porque pode fazer corresponder o sujeito gramatical ausente a categorias semânticas distintas. Sendo auxiliar da voz passiva seguido de uma forma de particípio passado de um verbo transitivo, o sujeito gramatical corresponde normalmente ao paciente, beneficiário ou vítima da acção expressa pelo verbo transitivo (Ex. *I was given a book*); mas pode também exprimir uma intenção, pois, se for seguido de infinito, num uso arcaico, este sujeito ausente pode ser também agente, numa estrutura que exprime um dever, obrigação, intenção, possibilidade, destino ou hipótese (Ex. *I am to return*). Para além disso, em termos das categorias morfossintácticas que pode exprimir, o verbo *be* como verbo auxiliar quando seguido de uma forma de particípio presente pode codificar aspecto contínuo, exprimindo uma acção continuada (Ex. *I was returning*); ou, pelo contrário, quando seguido de uma forma de particípio passado de um verbo principal intransitivo, pode codificar um aspecto perfectivo, exprimindo uma acção completada (num uso arcaico, ex. *I was returned*).

Quanto a *that*, como pronome demonstrativo que em termos de deixis exprime distância, forma um elo coesivo com outro elemento textual, do qual depende a sua interpretação. Normalmente, o elemento pressuposto encontra-se no contexto linguístico precedente, e, conseqüentemente, o leitor é levado pela expectativa a identificar toda a sequência *to be or not to be* como antecedente. Contudo, o déficit informativo deste antecedente, reforçado pela marca catafórica dos dois pontos e pelo paralelismo resultante da conjunção *or*, que liga as

orações seguintes, pode levar novamente o leitor a procurar a informação necessária à interpretação no contexto linguístico subsequente. Deste modo se repete o movimento pendular expresso também pela disjuntiva *or*, quer em “To be, **or** not to be, **that** is the question:” quer em “**Whether** ‘tis nobler in the mind to suffer (...) **Or** to take arms (...)” (nosso negrito).

Estas considerações, por exemplo sobre a ausência do sujeito explícito, são em parte extensíveis aos restantes oito versos, uma vez que, em dezassete orações, onze são infinitivas e uma é participial; as orações 3 e 14 têm sujeitos que só a coesão textual permite recuperar; a oração 4 tem um sujeito gramatical aparente ou vazio; e a oração 12 tem como sujeito *we*, que também codifica uma indefinição considerável.

(2)

1. To *be*,
 2. **or** not to *be*,
 3. *that is the question*:/
 4. **Whether** ‘tis nobler
 5. in the mind to suffer/ The slings and arrows of an outrageous fortune,/
 6. **Or** to take arms against a sea of troubles/
 7. **and** by opposing
 8. *end* them.
 9. To *die* –
 10. to *sleep*,/ No more:
 11. **and** by a *sleep* to say
 12. *we end*/ The heart-ache and the thousand natural shocks/
 13. That flesh *is* heir to;
 14. ‘tis a consummation/
 15. Devoutly to be wish’d.
 16. To *die*,
 17. To *sleep*;
- (*Hamlet*, III.1.56-64; nossos negrito e itálico)

- 7 Esta cadeia de similitude é assinalada com negrito no exemplo (2) *supra*.
- 8 Esta cadeia de similitude é assinalada com itálico no exemplo (2) *supra*.

À luz do acima exposto, seleccionámos para análise: a) nas orações infinitivas 1 e 2, a tradução da ausência de sujeito explícito; b) na oração 3, a tradução do sujeito *that*, como elemento de referência demonstrativa anafórica ou catafórica expressivo de distância; c) na oração 4, a tradução do sujeito aparente ou vazio; d) novamente, a tradução da ausência de sujeito explícito nas orações infinitivas e participiais 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11; e) na oração 12, a tradução do sujeito *we*; f) na oração 14, a tradução de *it*, como elemento de referência pessoal anafórica; g) e, novamente, a tradução da ausência de sujeito explícito nas orações infinitivas 15, 16 e 17.

Por outro lado, e perante os espaços vazios criados quer pela estrutura sintáctica quer pela escolha lexical quer ainda pela quebra de expectativas geradas pela coesão textual, como ficou acima referido, seleccionámos analisar ainda a cadeia de similitude gerada pelo uso repetido das conjunções *or* e *and* a associar orações. Esta selecção baseia-se ainda no facto de a sua saliência decorrer também da ausência de outros elos coesivos gerados por conjunções a associar orações, o que resulta numa sucessão de versos cuja leitura não é orientada por pistas conjuntivas. Se como cadeia de similitude gera coesão, em termos dos elos coesivos que exprime, a sequência de conjunções “or (...) whether (...) or (...) and (...) and” aumenta a indefinição, introduzindo a hesitação disjuntiva e a dúvida da interrogativa indirecta, por um lado; e, por outro, não constitui valor acrescentado, não oferece pistas de leitura, uma vez que a adição expressa por *and* se subentende por defeito na ausência de marcas de junção.⁷ Como veremos, as traduções revelam esta hesitação também na interpretação das cadeias de similitude geradas pela repetição de conjunções, como resulta patente na divisão frásica resultante de procedimentos de simplificação.

Por último, seleccionámos também para análise a repetição das formas *be*, *die*, *sleep*, *end-e consummation*, que geram elos coesivos lexicais de uma cadeia de similitude (i.e., uma sequência de elementos não co-referenciais), em que cada nova ocorrência gera mais um elo coesivo, suscitando no leitor a esperança de resolver o défice de informação deixado pela anterior.⁸

4.2. O perfil coesivo dos TC

Procedemos então à verificação da forma como os sucessivos TC recriam, por um lado, esta indefinição gerada pela quebra de expectativas decorrentes não só mas também do regular funcionamento de mecanismos de coesão textual relativamente aos sujeitos e formas de referência e, por outro lado, às cadeias de similitude constituídas pela reiteração de conjunções e ainda pela reiteração e paráfrase de elementos lexicais.

Passando a apresentar de modo muito breve as estratégias e soluções tradutórias mais frequentes, relativamente ao primeiro verso: “To be or not to be, that is the question” encontramos:

(3)

TC 3: 1887. “Ser ou não ser – eis a questão.”

TC 4: 1911. “Ser ou não ser, eis aqui está a dúvida.”

TC10: 1987. “Ser ou não ser, é isso a questão.”

TC11: 2001. “Ser ou não ser, eis a questão.”

O nome *question* é recriado como problema, questão ou dúvida e o sujeito implícito mantém-se ausente. É José António de Freitas que lança em 1887 a versão que ganha cidadania na nossa língua: “Ser ou não ser, eis a questão”, que diminui a indeterminação, excluindo, por exemplo, a possibilidade de “estar ou não estar”. Desta versão, só Domingos Ramos em 1911 e Sophia de Mello Breyner Andresen em 1987 divergem, propondo, respectivamente: “Ser ou não ser, eis aqui está a dúvida...” e “ser ou não ser, é isso a questão.”

Em termos de explicitação, todas as versões mantêm o sujeito implícito ausente e irrecuperável mediante recurso ao contexto linguístico. Todas as versões, excepto a de 1987, escolhem também “eis” (que significa: aqui está), para traduzir *that is*, assim conferindo maior explicitação ao predicado e propondo uma tradução desviante para a forma de referência demonstrativa, que passa a exprimir proximidade.

Todas as versões, para além disso, enfraquecem a hesitação entre a referência anafórica ou catafórica, de resolução retrospectiva ou prospectiva, de *that*, também fechando com um ponto final, ponto de exclamação ou ponto e vírgula a versão que propõem. Só a versão de 2001 mantém a marca prospectiva dos dois pontos. Mais explícita aparenta ser a versão de 1911: “eis aqui está”.

Quanto à sequência: “Whether ‘tis nobler in the mind to suffer/ The slings and arrows of an outrageous fortune,/ or to take arms against a sea of troubles/ and by opposing end them.”, realçamos as seguintes soluções tradutórias:

(4)

- TC1: 1877. “**Uma alma valorosa**, deve **ella** suportar (...) ou armar-se (...) ou pôr-lhes fim, combatendo-as?”
- TC3: 1887. “**O que é mais nobre para a alma?** Soffrer (...) ? Ou tomar armas (...), e, fazendo-lhes rosto, dar-lhes fim?”
- TC4: 1911. “Qual será **o caminho mais nobre?** Suportar (...) ou pegar em armas (...) e terminar com elas, resistindo?”
- TC5: 1913. “Deve **uma alma nobre** (...)?”
- TC9: 1982. “Será **maior nobreza da alma** sofrer (...) ou pegar em armas (...)?”
- (nosso negrito)

Neste caso, o sujeito implícito do predicado *suffer* e a interrogativa indirecta assinalada por *whether (...) or*, que estabelece um elo coesivo com *question*, surgem explicitados quer com a identificação de um sujeito, quer com a adição de pontos de interrogação, intercalados ou no final desta sequência. Os sujeitos acrescentados, que assinalamos com negrito, são “uma alma valorosa... ela” (1877), “a alma” (1887), “o caminho mais nobre” (1911), “deve uma alma nobre” (1913), em que o verbo assinala uma crescente explicitação, “o espírito humano” (1972), “mais digna acção do ânimo” (1976), “maior nobreza da alma” (1982), ou ainda “deixar que o espírito suporte” (1987). Uma vez que a identificação deste sujeito explícito de *suffer* permite a sua recuperação

contextual como sujeito implícito das orações seguintes, os textos de chegada multiplicam a explicitação, permitindo um procedimento que o TP impede.

Para a sequência dos cinco versos finais em análise, “To die – to sleep,/ No more: and by a sleep to say we end/ The heart-ache and the thousand natural shocks/ That flesh is heir to; ‘tis a consummation/ Devoutly to be wish’d. To die, to sleep;”, destacamos as seguintes formulações:

(5)

TC5: 1913. “**Esse somno** faz cessar os soffrimentos do coração que a natureza legou á nossa carne.”

TC8: 1976. “E por um sono **diremos**”

TC3: 1887. “Morrer... dormir... mais nada.”

TC8: 1976. “Morrer é dormir. (...) Morrer é dormir.”

TC2: 1879. “**eis** um desfecho”

TC1: 1877. “será **esse o** resultado”

TC4: 1911. “é, na verdade um desenlace que **todos nós** fervorosamente **podemos** desejar.”

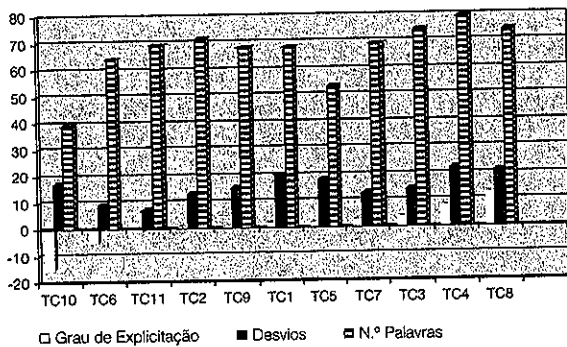
(nosso negrito)

Nestas instâncias, os procedimentos de explicitação passam pela ocorrência de “esse somno” que surge como sujeito explícito em 1913, ou, em 1976, pela antecipação do sujeito explícito nós, em “diremos”. Quanto aos sujeitos implícitos da sequência que se repete: “To die, to sleep”, as soluções encontradas mantêm esta ausência, ilustrada pela versão de 1887: “morrer... dormir... mais nada” ou “nada mais, só isso”, em 1963, ou ainda “Não mais” em 1976. Parece, contudo, digna de nota a instância explicitante que surge na versão de 1976: “morrer é dormir.”

Quanto a “‘tis a consummation devoutly to be wished”, a explicitação do sujeito surge novamente pela mão de “eis” (1879, 1913, 1972) ou de “esse” (1877, 1976, 1982, 2001). A versão porventura mais explicitante é a de 1911, que, apesar de não tornar explícito o sujeito de “é”, identifica três vezes o sujeito de *to be wished*.

5. Análise quantitativa

Figura 2: Análise quantitativa das onze versões portuguesas



Passamos a apresentar os resultados da análise quantitativa de desvios de diminuição e incremento do grau de explicitação, em resultado de procedimentos de desvio na tradução de elos coesivos. No gráfico da Figura 2 alinhámos os resultados da análise quantitativa da recriação de 35 elementos geradores de elos coesivos em cada um dos onze textos de chegada. O total de instâncias geradoras de indeterminação, e portanto mais susceptíveis de desvios de aumento de explicitação, que submetemos a análise, nomeadamente os sujeitos implícitos e as formas de referência geradoras de indeterminação, foi de 18; o total de instâncias de similitude, criadas pela repetição de conjunções e de itens lexicais, e portanto mais susceptíveis de desvios de diminuição do grau de explicitação, foi de 17.

Neste gráfico, surge, em primeiro lugar, a coluna mais clara, que exprime a soma dos desvios de diminuição de explicitação, contabilizados negativamente, com os desvios de aumento de explicitação, contabilizados positivamente; em segundo lugar, surge uma coluna que corresponde à soma de todos os desvios verificados no TC em questão; em terceiro lugar, surge a coluna em negro, que contabiliza o número de palavras.

Pelo facto de omitirem várias orações e segmentos, excluimos das nossas considerações finais os textos de chegada 5 (que omite três orações) e 10 (que omite sete orações).

Entre os textos menos explícitos contam-se as versões de José Blanc de Portugal (TC6, de 1963), de António M. Feijó (TC11, de 2001), que, analisados globalmente, diminuem ligeiramente o grau de explicitação do TP. Bulhão Pato, na sua versão de 1879 (TC2) aumenta, muito ligeiramente, o grau de explicitação do TP. Como textos mais explícitos surgem as versões de 1976, de tradutor não identificado, com revisão de L. Pereira Gil (TC8), de Domingos Ramos (TC4, de 1911), e de José António de Freitas (TC3, de 1877).

6. Considerações finais

Em termos globais, e para concluir, os desvios na tradução de elos coesivos demonstram ser uma constante, que, abarcando quase metade das instâncias em análise, não é naturalmente desprovida de consequências em termos do perfil coesivo e do grau de explicitação dos textos.

Como segunda conclusão, a leitura combinada das colunas do gráfico da Figura 2 evidencia uma tendência de acordo com a qual as versões que apresentam o número superior de palavras são as que maior grau de explicitação evidenciam (TC3, 4 e 8); com a exceção do TC5, as versões que apresentam o número inferior de palavras são também as que menor grau de explicitação demonstram (TC10 e 6). Portanto, como sugerimos inicialmente, o número de palavras pode ser indicativo do grau de explicitação, porque em traços gerais aparentam ser correlatos.

Por último, numa primeira análise, e considerando que, num total de onze textos de chegada, oito aumentam o grau de explicitação patente no texto de partida, este nosso estudo de caso parece confirmar a hipótese do universal de explicitação.

Passando a considerar, em termos globais, o total de elos coesivos analisados, os procedimentos tradutórios são classificados na tabela da Figura 3.

Como resulta da leitura desta tabela, a análise incidiu sobre um total de 396 elementos geradores de elos coesivos. Destes, 169, i.e. 43%, apresentaram desvios em tradução. Desta totalidade de elementos analisados, os desvios de explicitação de elos coesivos constituíram 23% (91), enquanto os desvios de omissão ou alteração qualitativa de implicação de elos coesivos constituíram 20% (78). Considerando somente os 169 desvios identificados, 54% foram de explicitação; 46% foram de implicação. Portanto, as estratégias de explicitação afectaram um número superior de instâncias geradoras do perfil coesivo em tradução, que neste caso demonstrou tender mais para a explicitação. Contudo, as percentagens correspondentes aos desvios de explicitação

Procedimentos Tradutórios de Elos Coesivos	N.º de Elos Coesivos	% de Elos Coesivos
Manutenção	227	57%
Desvios de Explicitação	91	23%
Desvios de Implicação	78	20%
Total:	396	100%

Figura 3: Análise quantitativa do incremento ou diminuição do grau de coesão

9 Como se referiu durante a discussão, os problemas decorrentes da fixação do texto de *Hamlet* podem naturalmente afectar também o perfil dos textos traduzidos, uma vez que várias são as versões do TP a que se poderia recorrer. A este propósito, é relevante identificar o recurso ao Quarto 1, de 1603, ao Quarto 2, de 1604, ou ao Primeiro Fólio, de 1623, que, dotados de extensões e estruturas distintas, dão origem, por sua vez, a edições posteriores variadas, como resulta, por exemplo, da leitura de textos introdutórios da responsabilidade de alguns tradutores ou revisores (vide Broome-Levett 1987: VII ou Feijó 2001: 9). Estas considerações não nos são alheias, porém, optámos por concentrar a atenção deste estudo no perfil linguístico-textual, e em particular no perfil coesivo, das versões que se ofereceram ao público português ao longo dos anos. Por outro lado, e como foi também sugerido do decurso da discussão, seria interessante averiguar se algumas das regularidades do perfil coesivo que este estudo identifica serão correlacionáveis com o *enjambement* ou a recriação de padrões prosódicos, que as versões versificadas apresentam.

e de implicação encontram-se tão próximas que ambas as hipóteses iniciais parecem manter-se em aberto.

Terminada a descrição formal e a identificação destas regularidades linguístico-textuais relativas à tradução do perfil coesivo e estabelecida a relação com as hipóteses que a bibliografia apresenta, surge o momento de identificar estudos adicionais, resultantes do alargamento do ângulo de visão da descrição micro-linguística para abarcar considerações macro-linguísticas e contextuais, com o objectivo de melhor entender as regularidades linguístico-textuais descritas. Entre aqueles contam-se estudos da correlação destas regularidades com momentos históricos diversos, com estilos de tradutor, com objectivos expressos em prefácios e/ou posfácios e/ou notas da responsabilidade do tradutor, com os textos de partida e/ou versões intermediárias de facto utilizados durante o processo tradutório, com a divisão deste *corpus* em TC versificados e não versificados.⁹ Todas elas merecem ser consideradas em outros tantos estudos de caso, para compreender o modo como estas versões constituem, como Gideon Toury propõe, factos da cultura de chegada.

Referências bibliográficas

- BEAUGRANDE, R. / DRESSLER, W. (1981), *Introduction to Text Linguistics*. London / New York: Longman.
- BLUM-KULKA, S. (1986), "Shifts of Cohesion and Coherence in Translation". *Interlingual and Intercultural Communication: Discourse and Cognition in Translation and Second Language Acquisition Studies*. Ed. Juliane House e Shoshana Blum-Kulka. Tübingen: Narr, 17-35. (Reimpresso em: Lawrence Venuti, Ed. 2000. *The Translation Studies Reader*. London / New York: Routledge, 298-313.)
- BROOME-LEVETT, Grahame (1987), "Ao leitor" in: *Hamlet: Tragédia em 5 actos*. William Shakespeare. Tradução de Sophia de Mello Breyner Andresen. Revisão com a colaboração do Professor Grahame Broome-Levett. Porto: Lello & Irmão. Edição bilingue, VII-VIII.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1990), "Introduction [to *Polysystem Studies*]" *Poetics Today* 11(1): 1-6.
- HALLIDAY, M.A.K. / HASAN, R. (1976), *Cohesion in English*. London: Longman.
- LAVIOSA-BRAITHWAITE, Sara (1998), "Universals of Translation". *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Ed. Mona Baker. London / New York: Routledge, 288-291.
- MALMKJAER, KIRSTEN (1998), "Unit of Translation". *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Ed. Mona Baker. London, New York: Routledge, 286-288.
- SHAKESPEARE, William (1986), *The Tragedy of Hamlet Prince of Denmark. The Complete Oxford Shakespeare*. Stanley Wells and Gary Taylor (General Editors). Oxford: Oxford University Press. 735-777.
- (1877), *Hamlet. Drama em cinco actos*. Tradução Portuguesa [D. Luís de Bragança]. Lisboa: Imprensa Nacional. [TC1]
- (1879), *Hamlet. Tragedia em cinco actos*. Tradução de Bulhão Pato. Lisboa: Typographia da Academia Real das Ciências. [TC2]
- (1887), *Hamlet. Tragedia em cinco actos*. Estudo critico e versão portuguesa de José António de Freitas, o correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa. Lisboa: Livraria Portuguesa e Francaza. [TC3]
- (1911), *Hamlet*. Publicado pela primeira vez em 1603 e definitivamente em 1604. Data da representação é incerta. Tradução do Dr. Domingos Ramos. Porto: Livraria Chardrol de Lello & Irmão Editores. [TC4]
- (1913), *Hamlet. Tragedia em 5 actos*. Versão de Santos Quintella. 2.ª edição. Porto: Escripório de Publicações de J. Ferreira dos Santos. [TC5]
- (1963), *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. Tradução e prefácio de José Blanc de Portugal. Lisboa: Presença (Clássicos, Série Teatro, 5). [TC6]
- (1972), *Hamlet*. Tradução Ricardo Alberty. Lisboa: Verbo. (Biblioteca básica Verbo, 87). [TC7]
- (1976), *Hamlet; O rei Lear; Romeu e Julieta*. Tradução revista por L. Pereira Gil. Lisboa: Amigos do Livro. (Grandes clássicos da literatura mundial). [TC8]
- (1982), *Hamlet*. Tradução Ersílio Cardoso. Mem Martins: Europa-América. Edição bilingue (Livros de bolso Europa-América, 312). [TC9]
- (1987), *Hamlet: tragédia em 5 actos*. Tradução de Sophia de Mello Breyner Andresen. Revisão com a colaboração do Professor Grahame Broome-Levett. Porto: Lello & Irmão. Edição bilingue. [TC10]
- (2001), *Hamlet*. Tradução António M. Feijó. Lisboa: Cotovia. Edição bilingue em português e inglês. [TC11]
- SHLESINGER, Miriam (1989), *Simultaneous Interpreting as a Factor in Effecting Shifts in the Position of Texts on the Oral-Literal Continuum*. MA Thesis. Tel Aviv: Tel Aviv University.
- SHLESINGER, Miriam (1995), "Shifts in Cohesion in Simultaneous Interpreting". *The Translator* 1(2): 193-214.
- The Oxford English Dictionary*. Ed. J. A. Murray, H. Bradley, W.A. Craigie, C.T. Onions. 2.ª Edição. 20 volumes. Oxford: Clarendon, 1961.
- TOURY, Gideon (1986), "Monitoring Discourse Transfer: A Test-case for a Developmental Model of Translation". *Interlingual and Intercultural Communication: Discourse and Cognition in Translation and Second Language Acquisition Studies*. Ed. Juliane House e Shoshana Blum-Kulka. Tübingen: Narr, 79-94.
- TOURY, Gideon (1995), *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: John Benjamins.
- VANDERAUWERA, Ria (1985), *Dutch Novels Translated into English: The Transformation of a 'Minority' Literature*. Amsterdam: Rodopi.